

# PREFÁCIO

JORGE FERNANDES ALVES

Há uma nova história da Medicina em construção, a que procura reconhecer os modos sociais como se tem encarado a saúde e a doença ao longo do tempo, nas suas vivências, nos seus medos e fantasmas, nos seus combates emotivos ou tecnicamente especializados. Uma história social, que se cruza com a história das ciências, com a história da cultura ou com a antropologia da saúde, que procura interpretar discursos, desocultar instituições, reconhecer a diversidade das actividades profissionais afins, valorizar filantropias elitistas sensibilizadas e preocupadas com determinadas formas de sofrimento, sem descuidar o registo dos avanços técnicos e científicos no combate às doenças. Uma história que procura alargar o campo de observação, inserir diferentes tipos de protagonistas nos seus territórios de acção, perceber movimentos científicos e mobilizações sociais e políticas em torno de determinadas doenças nos seus contextos mais vastos.

Neste quadro se situa o presente volume de Rui Manuel Pinto Costa dedicado à luta contra o cancro e à oncologia em Portugal e à estruturação da respectiva área científica, enquanto produto da tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com discussão pública em 8 de Novembro de 2010 e aprovação por unanimidade, com a mais alta classificação. Esta obra chega-nos depois de um trabalho anterior e convincente, também ligado a esta nova história da medicina, intitulado: *O Poder Médico no Estado Novo (1945-1974) – Afirmção, legitimação e ordenamento profissional* (Porto: UPorto editorial, 2009).

Rui Manuel Pinto Costa, historiador e simultaneamente profissional da saúde, que convive diariamente com a patologia e com os doentes de cancro, dá-nos, assim, mais um estudo histórico de grande fôlego, rastreando no tempo as marcas desse mal e da lenta construção da oncologia, através de uma narrativa que, não sendo de leitura fácil, é apelativa e absorvente. Carregando informações que ajudam a calcorrear um caminho de esperança com a investigação científica, apesar de constituir uma área onde se observa a factualidade de «os êxitos obtidos não terem correspondência directa, pelo menos no imediato, à expectativa entretanto criada», o autor assinala que «a actual compreensão da doença abriu caminhos a tratamentos mais dirigidos e menos agressivos para os tecidos normais, o que reduz os efeitos secundários característicos dos tratamentos tradicionais», embora longe ainda da cura ou da prevenção vacínica definitiva em relação a uma doença, o cancro, que «veio para ficar e para marcar esta civilização».

Partindo do princípio de que a noção de doença é uma construção intelectual (agrupamento de sintomas, sinais, lesões e, às vezes, causas, que dão origem a um diagnóstico a que se aplica um etiqueta), evocando assim Jean-Charles Sournia, Rui Manuel Pinto Costa começa por desenvolver um olhar arqueológico sobre o cancro e seu lugar na história, sua percepção e respostas médico-sociais numa pesquisa amplamente sustentada em largo acervo de fontes e de bibliografia, captando representações e mentalidades. Particularmente relevante é a sua abordagem ao papel dos pioneiros da luta contra o cancro em Portugal, com base nas teses e revistas médicas principalmente a partir dos inícios do

século XX, perante a escassez de meios e de recursos, mas com esforços de propaganda e de educação para a saúde.

A estruturação do Instituto Português de Oncologia, enquanto projecto de modernidade na luta contra o cancro que traz para Portugal a tecnologia mais recente, superando as tradicionais perspectivas hospitalares do problema, bem como o protagonismo médico e inovador de Francisco Gentil, ganham um espaço próprio e central nesta narrativa, pelo seu percurso de especialização, de investigação científica, de autonomia e de tratamento hospitalar, com novos padrões de funcionamento, no seu jogo de poderes e saberes.

De igual modo, o autor concede larga explanação ao processo de institucionalização de uma nova disciplina médica, a oncologia, na sua mudança paradigmática, que passou a valorizar o campo experimental, ultrapassando as teorias parasitárias, e a utilizar novas técnicas e tecnologias, o que implicou novos desafios na formação científica e profissional, com impacto aos níveis do médico, da enfermagem e de outros técnicos de saúde para operarem com os novos equipamentos.

O IPO, com o seu percurso institucional, nas suas diversas valências, torna-se, deste modo, no eixo interpretativo da oncologia em Portugal, sustentando uma investigação inovadora, de natureza interdisciplinar, rica em informação, que ajudará o público, mormente os profissionais de saúde, a compreenderem melhor a historicidade da doença e do seu combate.

